

ases começam a fazer efeito sobre  
todo o peso que carrego em m  
s, e ele se faz muito maior do c  
va. Pela primeira vez em muito t  
o na minha vida. E isso me assusta. E  
o mais – ao menos a parte em qu  
rupe, exclusivamente, comigo m  
as atenções se **um dia na vida** n  
desde o acidente, ao passo que  
ivos e necessidades foram relega  
do plano. Aquele torpor é quel  
barulho do interfone, **rodrigo zafra** n  
da da enfermeira para o turno da  
tão me dou conta de que preciso ir,  
eço sem palavras da minha irmã. Ela  
mente, levantando o canto da boca  
nstante, ela volta a ser aquela m  
de energia que tinha tanta coisa

Obra registrada na Fundação Biblioteca Nacional sob n° 580880  
Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, desta obra só  
poderá ser feita mediante autorização expressa do autor.

Design de Capa/ Contracapa e Diagramação: Rodrigo Zafra

Letra da música: “Na sua estante”, de Priscilla Novaes Leone (Pitty)  
Todos os direitos reservados, usada sob permissão.

ZAFRA, Rodrigo (1984-). Um dia na vida. Santos(SP): 2013 [89 p.]

Este livro foi composto na tipologia Perpetua, em corpo 12,5/13.

Aos meus pais,  
pela infindável dedicação.  
À minha avó e tia,  
por sempre acreditarem em mim.

*Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.  
Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.*

**Clarice Lispector**

## SUMÁRIO

Uma vida

**06**

Existência

**08**

Sem retorno

**13**

Não me abandones

**19**

Silvia se foi

**30**

Desconstruindo Virgínia

**42**

Hic et Nunc

**50**

Discussão de relação

**58**

A Última Sessão

**69**

Minha estrada

**81**

## UMA VIDA

*Espera até eu morrer pra você pensar em si mesma.*

Depois um tempo calada, após nossa conversa/discussão, ela despeja a frase, sem emoção, como fosse um aviso.

Tenho uma leve vertigem. Ela está entregando os pontos, posso sentir. Apesar das divergências em nossos pontos de vista, ela já não expõe seus argumentos com veemência, e eleva a voz inúmeras vezes – um recurso que sempre julgou desnecessário.

Sem saber o que dizer, apenas a observo. Ela desvia o olhar – outro sinal. Parece cansada; mais do que isso: angustiada. Não me lembro de tê-la visto assim antes, mesmo nos momentos mais duros e incertos.

Imagino – sem saber de verdade – como deve ser difícil para ela estar privada de uma vida normal. Já a vi passar por todos os estágios de emoção, até a letargia, mas aquele tom de voz não se assemelha com nada que tenha ouvido sair de sua boca nesses anos. Ela parece estar, simplesmente, se... resignando. O que posso fazer?

Sem entender todas as implicações posteriores daquele comportamento, observo seu corpo inerte, alinhado geometricamente naquela cama onde passa ao menos dezesseis horas por dia – as outras oito, sentada em uma cadeira especial. Com seus um metro e oitenta e poucos cinquenta e cinco quilos, não passa de uma cópia deprimente de mim, não posso deixar de pensar.

Nem sei quanto tempo se passou desde a última frase quando ela dispara novamente:

*Viver umas pelas outras... É isso o que as pessoas fazem: por a vida do outro na frente da sua.*

O mesmo tom. Ela não quer resposta. Fecha os olhos com força, como quem sente dor, mas na verdade quer evitar que as lágrimas – que já lhe percorrem as maçãs do rosto – caiam. Me aproximo e passo delicadamente o dedão sobre a área molhada. Ela abre os olhos e me encara. De um jeito que só nós duas sabemos; que só irmãs compartilham, mesmo que estejam sozinhas, como agora.

Eu compreendo.

Um aperto no coração se faz instantaneamente.

As frases começam a fazer efeito sobre mim. Sinto todo o peso que carrego em minhas costas, e ele se faz muito maior do que o julgava. Pela primeira vez em muito tempo penso na minha vida. E isso me assusta. Não a possuo mais – ao menos a parte em que me preocupe, exclusivamente, comigo mesma. Todas as atenções se voltaram para minha irmã desde o acidente, ao passo que meus objetivos e necessidades foram relegados a segundo plano.

Aquele torpor é quebrado pelo barulho do interfone, que vem anunciar a chegada da enfermeira para o turno da noite. Só então me dou conta de que preciso ir, e me despeço sem palavras da minha irmã. Ela sorri levemente, levantando o canto da boca. Por um instante, ela volta a ser aquela menina cheia de energia que tinha tanta coisa para viver.

Ao sair, passo pela enfermeira – uma senhora distinta. Nos cumprimentamos. Seu rosto me lembra o de uma estátua de cera, mas sinto que algo a incomoda... Deixo a impressão se dissipar no ar e sigo meu caminho.

Naquela madrugada, o telefone toca.

*Ela se foi.*

Naquela voz, serenidade. Sobre meus ombros, alívio. Sob meus pés, o chão se abre.

## EXISTÊNCIA

Quando percebo, já estou arfando. Puxo o ar com força para os pulmões à medida que tento controlar o ritmo do batimento cardíaco. As mãos úmidas e uma leve vertigem acabam de dar as boas-vindas para uma nova crise de ansiedade. No início, eram esporádicas; agora, uma ou duas vezes ao dia.

Me apoio sobre a bancada de mármore da pia e pego um copo com água. Nesse momento, minha mãe entra na cozinha e dá um *bom dia* sem me olhar. Respondo e saio rapidamente em direção ao meu quarto. Não quero que ela perceba meu estado, ainda mais depois da briga que tivemos ontem a noite. Aliás, depois dela ter vindo à minha casa de surpresa, com duas pequenas malas, a fim de se hospedar por alguns dias, segundo ela, para realizar exames médicos mais elaborados, sem me dar maiores detalhes. Não gosto desse clima de suspense. E não quero mais ninguém dando palpíte em minha vida.

Remexo meu armário. Debaixo de várias pastas de documentos antigos, pego meu remédio tarja preta. Deito na cama para esperar o efeito tranquilizador, mas os barulhos do quarto ao lado não me deixam descansar. Sei que ela faz isso só para me testar, me desafiar, e ela consegue por muitas vezes me tirar do sério. Mas hoje, não. Preciso ficar bem para resolver minha vida – pelo menos, parte dela. E ela sabe. Pode não compreender totalmente, nessa fase de adolescente rebelde que vê na própria mãe uma rival a duelar, mas está absolutamente informada que a sua – a *nossa* – vida pode ficar muito difícil depois de hoje, mas ela se supera, colocando um *punk rock* na maior das alturas, e não me deixa escolha.



Soco a porta com força. Em alguns segundos a música para, mas ela não abre a porta. Chamo-a pelo nome, mas nada – como sempre. Minha mãe vem ver o que está acontecendo. Desisto. Não preciso de plateia para lidar – ou *tentar lidar* – com a minha própria filha. Volto para a cozinha espumando de raiva. Sento à mesa e me sirvo com qualquer coisa que consigo encontrar. Minha mãe vem logo em seguida. De canto de olho, percebo que ela me observa. Quer me dar algum conselho sobre como lidar com minha filha. Então continuo inatingível, e ela parece se contentar.

Marina não demora muito para aparecer, com aquele jeito de quem tem todas as respostas para minhas possíveis perguntas na ponta da língua. Sinto-me agitada, quero falar, mas resisto. Preciso manter a calma – o dia está apenas começando. Marina percebe o clima tenso à mesa e passa a exhibir seu irritante ar triunfal. Minha mãe sempre me diz que eu era igualzinha a minha filha, que não posso me queixar. Enquanto come com uma mão, com a outra Marina digita freneticamente as teclas de seu celular. Odeio esse comportamento à mesa, então fixo-lhe o olhar. Ela retribui, sem deixar de digitar.

Minha mãe se levanta e lava sua louça. Marina rapidamente acaba seu café e deixa a louça com a avó, dizendo estar atrasada. Uma estratégia para não ter que me encarar sozinha. Mas tudo bem, ela não me escapa. Levanto e deixo tudo como está. Digo para minha mãe não se preocupar, pois preciso sair e, quando voltar, termino tudo. Ela diz que tudo bem, mas acho que tem algo mais a dizer. Fico com essa impressão, mas como ela volta para seu afazer, não a indago. Quando saio, me pego pensando se não tive com a minha mãe a mesma atitude que Marina teve comigo – fugir. Assim como antes, deixo a pergunta no ar. Tenho questões mais urgentes para resolver.

Faço compras no supermercado para um almoço caseiro. Em seguida, passo uma dezena de minutos sentada em meu carro, suando mesmo com o ar-condicionado ligado na toda, tentando decidir se devo me arriscar. Um dia, jurei que não procuraria mais essa válvula de escape, que não precisava mais, mas hoje estou confusa, per-

dida, e um monte de certezas que cercavam minha vida se esvaíram. Então tomo a decisão. Depois de meia hora, chego a uma rua de mão dupla pouco movimentada. Avisto de longe um grupo de meninos e chego com o carro próximo deles. Um vem em minha direção e fica me olhando. Mostro o dinheiro. Ele tira dois papелotes do bolso e me entrega. Quando viro a esquina e já estou no meio do trânsito pesado da manhã, minhas pernas tremem, e a sensação de culpa se alastra pelo meu corpo.

Em casa, vejo que estou sozinha. Minha mãe deixou um bilhete dizendo que tem exames e só deve voltar a noite. Me sinto um pouco aliviada, pois Marina ficou de passar a tarde depois da escola na casa de uma amiga, e assim vou ter o tempo todo só para mim e Pedro. Mas quando penso em como será aquela tentativa de reconciliação, sinto o estômago embrulhar e os primeiros sintomas de uma nova crise de ansiedade aflorar. Abro a bolsa e pego os papелotes. Uso um deles e deito no sofá para relaxar. O efeito é quase imediato.

Já são quase meio-dia quando saio daquele torpor e me dou conta de que não preparei nada. Pedro vem para o almoço. Tento ligar para o seu celular, para lhe pedir que não chegue tão rápido, mas só cai em caixa postal. Deve estar preso em alguma reunião, ocupado como é. Em pouco mais de uma hora termino de preparar a lasanha e já a vejo quase pronta no forno. Do freezer para a geladeira, o vinho *tinto* está quase no ponto. Ligo outras vezes para Pedro, sem novidade. Observo a movimentação na rua – nenhum sinal dele.

As horas passam rapidamente e, nelas, estou sozinha. A mesa, pronta à minha frente, é uma triste lembrança de um passado bem próximo, que eu quase havia me esquecido. Não deveria me decepcionar com Pedro. Sei como ele é, como funciona sua vida, mas a frustração toma conta de mim. Eu o amo... ainda o amo. Só espero que essa não seja mais uma das outras tantas certezas da minha vida que cairá por terra. Não como nem faço outra coisa. Apenas espero.

No sonho, alguém me diz que estou em perigo e preciso fugir

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

